

Um chá pra lá de Bagdá - uma discussão sobre o tecnovívio

Um té más allá de Bagdad: un debate sobre lo tecnovívio

A Tea Beyond Baghdad: A Discussion about Technovívio

Adailtom Alves Teixeira¹

Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Brasil

RESUMO

Tomando alguns dos aspectos da discussão conceitual de Jorge Dubatti, principalmente o tecnovívio – experiência compartilhada sem a presença física mediada pela tecnologia –, apresentamos um projeto experimental realizado em Porto Velho pela Cia Peripécias de Teatro, especificamente pelo ator, professor e pesquisador Júnior Lopes.

Palavras-chave: Teatro; Tecnovívio; Cia Peripécias de Teatro; Porto Velho

RESUMEN

Tomando algunos de los aspectos de la discusión conceptual de Jorge Dubatti, sobre todo el tecnovívio – experiencia compartida sin la presencia física mediada por la tecnología –, presentamos un proyecto experimental realizado em Porto Velho por la Cia Peripécias de Teatro, especificamente por el actor, docente e investigador Júnior Lopes.

Palabras clave: Teatro; Tecnovívio; Cia Peripécias de Teatro; Porto Velho

ABSTRACT

Taking some of the aspects of Jorge Dubatti's conceptual discussion, mainly the technovívio – shared experience without the physical presence, mediated by technology – we present an experimental project carried out in Porto Velho by Cia Peripécias de Teatro, specifically by actor, teacher and researcher Júnior Lopes.

Keywords: Theater; Technovívio; Cia Peripécias de Teatro; Porto Velho

1 Professor do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Rondônia; doutorando em Artes pela Universidade Estadual Paulista (Unesp); mestre em Artes pela mesma instituição; ator, diretor teatral e integrante do Teatro Ruante.



“Somos transportados a outro lugar ainda que cada um esteja em sua casa em frente à pequena tela do celular: o tempo vai e não o vemos passar, aprendemos com a cultura libanesa, personagem e público dialogam bastante (algo difícil nos dias de hoje) e saímos tocados e transformados dessa relação tecnopresencial”.

O teatro é arte da presença em que público e artistas se encontram mediados por um objeto estético: o espetáculo. Mas como fazer teatro no tempo que estamos a viver, um tempo pandêmico? Não se faz. Os artistas teatrais (mas não só estes) foram os primeiros a pararem e serão os últimos a retornarem. Então, não se faz arte? Faz-se sim. São muitas as experimentações, as tentativas de relação mediadas pela tecnologia. São muitas as invenções, reinvenções e experimentações. A arte e os artistas resistem.

Este pequeno texto é uma reflexão acerca do teatro em tempos de peste, em específico sobre uma experiência ocorrida em Porto Velho realizada pela Cia Peripécias de Teatro em diálogo com os conceitos de convívio e tecnovivial de Jorge Dubatti. Não temos o intuito, obviamente, de esgotar a questão e muito menos de apresentarmos soluções, mas, talvez, ampliar o olhar para o uso da tecnologia pelos artistas de teatro no momento que estamos a viver.

A primeira questão é: como fica a relação presencial? De agora em diante passaremos a entender teatro como uma *arte que se dá no tempo presente* mais do que na presença? São muitas as perguntas e os questionamentos. No entanto, mais importante do que conceituar, no calor da hora, seja relatar as experiências, as tentativas que as pessoas de teatro vêm empreendendo. Essas buscas experimentais talvez sejam mais significativas e nos ensinam muito mais. Conceitos e definições virão a

posteriori, ou não. De qualquer forma, tomando um espetáculo assistido virtualmente, *Chá Comigo em Quarenta e Uma Noites*¹, criado na cidade de Porto Velho/Rondônia, e que foi todo concebido e mediado pelo WhatsApp, farei a abordagem de algumas questões que julgo interessantes nessa criação.

Júnior Lopes, ator, professor, pesquisador teatral, integrante da Cia. Peripécias de Teatro, grupo criado como um projeto de extensão na Universidade Federal de Rondônia (Unir), em 2008, fez uma experimentação bastante significativa e que merece nossa atenção. Antes, vamos historiar rapidamente esse grupo, pois ele foi fundamental para o que veio desdobrar-se em 2010 no curso de Licenciatura em Teatro dessa mesma universidade.

O projeto inicial do Peripécias visava integrar a comunidade acadêmica da Unir (estudantes, técnicos e professores) por meio de cursos livres de teatro que desembocavam em montagens. A primeira peça foi *A nudez nossa de cada dia*, inspirada em *Toda nudez será castigada*, de Nelson Rodrigues, com duas versões, perdurando de 2008 a 2010 e integrando, sobretudo, os estudantes de diversos cursos como Geografia, Enfermagem, Letras, História, Direito, Administração e alguns técnicos da instituição.

.....
1 O espetáculo tem esse título, mas o projeto foi anunciado com um título maior: *Chá Comigo em Quarenta e Uma Noites: Experiência de Teatro Por Chamada de WhatsApp*. O teaser pode ser encontrado aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=OrQ2kzk8iE>

O professor Júnior Lopes, que atuava no Departamento de Letras-Espanhol, foi convidado em 2010, juntamente com outros professores, para ajudar a pensar e criar o curso de Licenciatura em Teatro. Em seguida, ele se transferiu para o Departamento de Artes, que passou a ofertar os cursos de Teatro, Artes Visuais e Música, todos esses licenciaturas. No entanto, o projeto do Peripécias não foi abandonado e passou a dialogar com a comunidade de Porto Velho por meio de ações da extensão.

Depois, vieram outros espetáculos, mas nos interessa um deles em específico: *Tabule*. Criado em 2011, é um monólogo que discute questões do mundo árabe. O ator, por ter ascendência médio-oriental, vem desenvolvendo uma pesquisa chamada de “Teatro e guerra”, por meio da qual discute questões relacionadas aos refugiados e aos conflitos político-sociais e suas relações com a América Latina. O pesquisador vê similitudes no que ocorre no Mundo Árabe e na América Latina, sobretudo na polarização política dos últimos anos em que a religião ganha importância ao participar diretamente da arena política. Da pesquisa, além do espetáculo aludido, criou em 2019 *Refugiados Show* e na pandemia o *Chá Comigo* – o título é uma clara brincadeira com a maneira popular de falar: “deixa que eu resolvo”.

Júnior Lopes deslocou a personagem Zahara do espetáculo *Tabule* e a colocou em uma nova relação, uma nova história, mediada pela tecnologia, crian-

do *Chá Comigo*. Daí também a minha brincadeira com o título deste texto. A expressão “pra lá de Bagdá”, no popular, significa tanto algo muito distante como ultrapassar certos limites dos sentidos; por exemplo, quando se bebe muito. A personagem Zahara, que veio do Líbano, coloca-nos muito além (“pra lá”) de Bagdá no chá que tomamos com ela a distância – tanto a personagem como o público são convocados a partilharem da experiência tomando um chá ou outra bebida de sua preferência. No entanto, penso que limites são rompidos nesse encontro. Ela, a personagem Zahara, é uma sobrevivente de duas guerras no Oriente Médio e veio trocar experiências com três espectadores em uma chamada de WhatsApp, fazendo com que suas histórias e vivências “alimentem” o público no sentido de poderem sobreviver ao momento atual. O mote é: quem viveu experiências tão duras pode ensinar alguns traquejos para que possamos construir nossa resiliência frente à experiência traumatizante que estamos a viver com o isolamento social e frente à Covid-19.

Em tempos pandêmicos, trocar histórias, contar e ouvir é fundamental na (re)construção dos afetos. Pelo menos, é o que nos ensina Giovanni Boccaccio com seu *Decamerão*, que reúne no campo sete moças e três rapazes que fogem da peste que ocorreu no reino de Florença, em 1348. As histórias fazem o tempo passar, carregam significados, ensinam e permitem a troca de experiências; é o que sentimos em *Chá Comigo*. Somos transportados a

outro lugar ainda que cada um esteja em sua casa em frente à pequena tela do celular: o tempo vai e não o vemos passar, aprendemos com a cultura libanesa, personagem e público dialogam bastante (algo difícil nos dias de hoje) e saímos tocados e transformados dessa relação tecno-presencial.

Para que o encontro ocorra de forma satisfatória, isto é, para que o mundo ficcional se construa a contento, o diálogo/encontro é pré-agendado. São apenas três espectadores por vez, pois ele ocorre todo pelo aplicativo de WhatsApp em uma chamada que só comporta quatro pessoas. Após agendado, um grupo é criado: os três espectadores e Zahara, a personagem vivida por Júnior Lopes. Ao longo de uma semana, somos estimulados a nos apresentarmos por áudio ou mensagens de texto e a respondermos outras questões postas por Zahara, que também conta um pouco sobre si, envia imagens, fala de sua origem etc. Há toda uma construção do mundo da personagem e uma aproximação com os participantes, visando estreitar a relação. Quando sentamos para ouvi-la e trocar experiências – já que é todo interativo –, não duvidamos daquela realidade, ainda que Zahara, uma mulher, seja vivida, representada, por um ator. Não há estranhamento nesse encontro.

A interpretação de Júnior Lopes, para dialogar com as proposições de Bert States (2002)², penso eu, estaria mais para o rapsodo, pois ouvimos e vivemos a história. Aliás, a personagem Zahara, ao longo da semana que antecedeu o encontro, enviou imagens de contadores de histórias no Líbano ocupando ruas, cafés e casas de chá. Porém podemos perguntar-nos: ele não “encarna” a personagem? Não é justamente isso que mantém o acordo ficcional? Logo, estaria mais para uma interpretação stanislavskyana. Então, nesse sentido, seria mais que um rapsodo. Porém não há ação, no sentido clássico do teatro. Não há dúvida de que o que o ator mais se vale são de procedimentos épicos, pois se trata de uma narrativa sem, no entanto, jamais desfazer-se da personagem vivida, sem rompimentos, portanto, do que poderíamos chamar de realismo.

Difícil categorizar, mas como o próprio States alerta: “Não há incompatibilidade entre os modos [representacionais]” (2002). O autor estabelece três modos interpretativos, a saber: o narrador, o rapsodo e o ator/atriz. Enquanto o narrador imagina o mundo e o ator/atriz se torna a personagem, o rapsodo estaria entre essas duas formas de atuação. Já Kirby (2002) trata de uma linha contínua entre o atuar e o não-atuar, ou seja, também há gradações

.....

2 Para essa discussão, agradeço a exposição da professora Lúcia Romano, que apresentou as ideias de States e Kirby em uma aula de sua matéria na pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp: Impasses da Atuação na Cena Contemporânea.

entre as formas interpretativas, porém com mais divisões. Mas, ainda partindo do ponto de vista de Kirby (2002), o ator Júnior Lopes estaria em uma atuação simples ou complexa? Fica a dúvida já que há toda uma construção e sustentação do mundo ficcional, porém construído epicamente, revelando as fontes e os caminhos seguidos pelo artista nos dias que antecedem o encontro propriamente dito. Penso que sua atuação estaria, mais uma vez, em um entre ser e não-ser.

Há outros elementos de complexidade no experimento cênico apresentado por Júnior Lopes, pois todos performam, isto é, o público que participa do ato/apresentação interage com a personagem e, entre si, também ajuda a construir o mundo ficcional com as informações solicitadas ao longo da semana antes de se encontrarem no chá com Zahara. E quem garante que todos que participam apresentam informações verdadeiras? Por outro lado, mesmo que as informações não sejam verdadeiras, o mundo criado não é menos real. Fato é que não há um pedido ou fiscalização da honestidade nessa construção feita com os assistentes. Assim, os participantes/espectadores também criam ou podem criar “personagens” nessa relação. Júnior Lopes me relatou também dificuldades na construção desse mundo ficcional, pois, em tempos de polarização política, em uma das apresentações houve discussão entre alguns participantes, fragilizando o entendimento da ficção, obrigando-o, inclusive, ao cancelamento dessa apresentação conflituosa. Aí

estariamos no campo do hiper-realismo? Questão a ser pensada...

Chá Comigo extrapola, penso eu, até mesmo a discussão apresentada por Jorge Dubatti (2016) entre convívio e tecnovívio, já que estamos frente a algo mais que o simples uso da tecnologia em cena – embora a tecnologia seja o elemento mediador fundamental para a realização do espetáculo. Ao opor convívio e tecnovívio, o autor afirma que “sem convívio não há teatro” (2016, p. 129). Cultura convivial se baseia no encontro dos corpos, portanto, implica presença física; já o tecnovivial é um encontro desterritorializado. Logo, teatro necessita compartilhar tempo e espaço, ideia, evidentemente, muito cara à linguagem teatral. Então, como ficam ou como ficarão essas fronteiras em tempos pandêmicos, pós-pandêmicos e de avanços tecnológicos? Em *Chá Comigo* compartilhamos o tempo e uma mesma sala ainda que virtual. Estamos na presença de todos: ator e público. Houve desdobramentos de espaços reais, ocorreu uma mesma experiência compartilhada – que foi, obviamente, apreendida e vivida, como em uma sala real de espetáculo, individualmente.

Dubatti afirma: “É preciso assumir que entre convívio e tecnovívio não há substituição superadora, mas alteridade, tensão e cruzamento” (2016, p. 134). Essa concepção é interessante, pois, afinal, o autor não está em uma cruzada contra a relação tecnovivial, mas é certo que a pandemia, no mínimo, abriu

“Em Chá Comigo compartilhamos o tempo e uma mesma sala ainda que virtual. Estamos na presença de todos: ator e público. Houve desdobramentos de espaços reais, ocorreu uma mesma experiência compartilhada - que foi, obviamente, apreendida e vivida, como em uma sala real de espetáculo, individualmente”.



Figura 1.

Apresentação do espetáculo

Nota: Print da tela do celular do autor do texto no dia da apresentação de *Chá Comigo*.

Zahara (Júnior Lopes) e os assistentes Thaís e Adailtom.

novas possibilidades para a concepção dubattiana. Como conceitos e sistematizações geralmente nascem da prática, vejamos o que nascerá dessas experimentações tecno-presenciais que vêm ocorrendo não só no Brasil, mas em todo o mundo. O próprio autor, em recente artigo (Dubatti, 2020) parece alargar sua concepção ou ficar mais aberto a essas experimentações com a tecnologia. Primeiro, leva em consideração a própria sobrevivência da arte teatral e dos artistas em momento de cancelamentos de projetos. Segundo, em abordagem menos incisiva, vê que as experimentações são uma forma de manutenção dos processos criativos. No artigo, o autor, tomando Buenos Aires como exemplo – e podemos estender à nossa realidade –, não deixa de perceber que toda a cultura de convivência sofreu uma retração. Dubatti (2010, p. 17), ao recorrer a John Dewey, afirma que experiência é mais que linguagem, inclui o inefável e a ilegibilidade, produzindo formas de conhecimento. Ora, se a troca de experiência parece ser fundamental na construção de conhecimento, inclusive como quer Walter Benjamin (2012), houve afetações nesse encontro entre a personagem Zahara e os participantes de *Chá Comigo*.

O autor portenho, em seu ensaio *Convívio e tecnovívio: entre infância e babelismo* (2016), ao narrar uma experiência proveitosa que, a meu ver, já aponta para o espetáculo que estamos tratando aqui (e outras que estão sendo experienciadas atualmente), trata do espetáculo *Distancia*, de 2013, dirigida

pelo argentino Matías Umpierrez, em que quatro atrizes, cada uma em um país, estão no mesmo espetáculo. Porém as personagens não se relacionam, mas em dado momento cantam juntas uma mesma canção graças a uma cronometragem rigorosa. Entretanto, nessa situação ainda estão presentes músicos e público na mesma sala, no mesmo espaço, diferentemente de *Chá Comigo*, em que todos estão presentes, porém distantes, o que os une é a tela do celular e a história de Zahara.

Um apontamento interessante que Dubatti traz à tona é a fragilidade do *streaming*, que poderia interferir na recepção do espetáculo que ele está tratando, colocando essa fragilidade, em certa medida, no mesmo campo do risco do “ao vivo”. Em *Chá Comigo* o risco é claro: a internet pode falhar, ator e público podem cair e a relação ficar prejudicada. No dia em que assisti, uma espectadora não compareceu e na divisão de tela, que deveria de ser quatro quadrados, a tela ficou dividida em três e me deixou em um espaço maior que o ator. Assim, a divisão pensada para que todos ficassem iguais não ocorreu. O ator Júnior Lopes relatou outros problemas, como a dificuldade de alguns participantes com a tecnologia e, assim, parte da apresentação às vezes fica em função da solução dos problemas que surgem. No entanto, nessas horas, sempre quem age é Zahara, nunca o ator.

Dubatti finaliza seu ensaio apontando para o fato de que, em dado momento do espetáculo que ana-

lisa, as personagens parecem estar presas à tela projetada. “Paradoxalmente, *Distancia* transforma o tecnovívio em poética teatral para exaltar o valor do convívio ancestral, a antiga escala do humano” (2016, p. 137). Em tempos pandêmicos, em que nós, público e artistas, estamos presos em casa (quem pode) e nas telas, *Chá Comigo* também nos liberta na direção de nossa humanidade.

De qualquer forma, no sentido da experiência de nos transportamos a outro tempo-espaço, o teatro aconteceu(!) com apenas três espectadores³, mas uma troca potente de fortalecimento de nossa humanidade, sobretudo, porque estamos todos vivendo em meio ao caos. Zahara, com sua história de migração e as agruras de seu povo, transporta-nos para outro lugar ao mesmo tempo que nos vemos obrigados a pensarmos sobre nosso tempo histórico e nossa humanidade.

Referências bibliográficas

Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.

.....
3 Como já dito, no dia que participei, dia 18 de julho de 2020, foram apenas dois participantes, pois a terceira pessoa teve problemas pessoais e não conseguiu estar presente.



Dubatti, J. (2020, jan-jun). Experiencia teatral, experiência tecnovivial, ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos. In *Rebento*. São Paulo, n. 12, 8-32. <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/503/299>

Dubatti, J. (2016). Convívio e tecnóvívio: entre infância e babelismo. In Dubatti, J. *O teatro dos mortos: introdução a uma filosofia do teatro*. Trad.: Sérgio Molina. São Paulo: Sesc.

Kirby, M. (2002). On acting and not acting. In Zarrili, P. B. *Acting (re)considered. A theoretical and practical guide*. London, NY: Routledge, 40-52.

States, B. O. (2002). The actor`s presence: three phenomenal modes. In Zarrili, P. B. *Acting (re)considered. A theoretical and practical guide*. London, NY: Routledge, 21-39.

De la serie *Cerrojos*,
de Isabel Ángel.
Brihuega, Guadalajara
– España, 2021.